

Coleção  
Estudos sobre família

# PAIS, AVÓS E RELACIONAMENTOS INTERGERACIONAIS NA FAMÍLIA CONTEMPORÂNEA

VOLUME 5

LÚCIA VAZ DE CAMPOS MOREIRA  
ELAINE PEDREIRA RABINOVICH  
MARIA NATÁLIA RAMOS

ORGANIZADORAS



Copyright © da Editora CRV Ltda.

**Editor-chefe:** Railson Moura

**Diagramação:** Editora CRV

**Capa:** André Vaz de Campos Moreira Tourinho

**Revisão:** Os Autores e Marize Marques Pitta

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)  
CATALOGAÇÃO NA FONTE

P142

Pais, avós e relacionamentos intergeracionais na família contemporânea / Lúcia Vaz de Campos Moreira, Elaine Pedreira Rabinovich, Maria Natália Ramos (organizadoras). – Curitiba: CRV, 2017.

474 p. (Coleção: Estudos sobre família, volume 5).

Bibliografia.

ISBN COLEÇÃO 978-85-444-1187-2

ISBN VOLUME 978-85-444-2089-8

DOI 10.24824/978854442089.8

1.Direito – interdisciplinar 2. Psicologia 3. Família I. Título II. Série.

CDU 314.63

CDD 306.85  
150

Índice para catálogo sistemático  
1. Psicologia 150

ESTA OBRA TAMBÉM ENCONTRA-SE DISPONÍVEL EM FORMATO DIGITAL.  
CONHEÇA E BAIXE NOSSO APLICATIVO!



2017

Foi feito o depósito legal conf. Lei 10.994 de 14/12/2004

Proibida a reprodução parcial ou total desta obra sem autorização da Editora CRV

Todos os direitos desta edição reservados pela: Editora CRV

Tel.: (41) 3039-6418 - E-mail: sac@editoracrv.com.br

Conheça os nossos lançamentos: [www.editoracrv.com.br](http://www.editoracrv.com.br)

## Conselho Editorial:

Aldira Guimarães Duarte Domínguez (UNB)  
Andréia da Silva Quintanilha Sousa (UNIR/UFRN)  
Antônio Pereira Gaio Júnior (UFRRJ)  
Carlos Alberto Vilar Estêvão (UMINHO – PT)  
Carlos Frederico Domínguez Avila (UNIEURO)  
Carmen Tereza Velanga (UNIR)  
Celso Conti (UFSCar)  
Cesar Gerónimo Tello (Univer. Nacional  
Três de Febrero – Argentina)  
Elione Maria Nogueira Diogenes (UFAL)  
Élsio José Corá (UFFS)  
Elizeu Clementino (UNEB)  
Fernando Antônio Gonçalves Alcoforado (IPB)  
Francisco Carlos Duarte (PUC-PR)  
Gloria Fariñas León (Universidade de La Havana – Cuba)  
Guillermo Arias Beatón (Universidade de La Havana – Cuba)  
Jailson Alves dos Santos (UFRJ)  
João Adalberto Campato Junior (UNESP)  
Josania Portela (UFPI)  
Leonel Severo Rocha (UNISINOS)  
Lídia de Oliveira Xavier (UNIEURO)  
Lourdes Helena da Silva (UFV)  
Maria de Lourdes Pinto de Almeida (UNOESC)  
Maria Lília Imbiriba Sousa Colares (UFOPA)  
Maria Cristina dos Santos Bezerra (UFSCar)  
Paulo Romualdo Hernandes (UNICAMP)  
Rodrigo Pratte-Santos (UFES)  
Sérgio Nunes de Jesus (IFRO)  
Simone Rodrigues Pinto (UNB)  
Solange Helena Ximenes-Rocha (UFOPA)  
Sydione Santos (UEPG)  
Tadeu Oliver Gonçalves (UFPA)  
Tania Suely Azevedo Brasileiro (UFOPA)

## Comitê Científico:

Andrea Vieira Zanella (UFSC)  
Christiane Carrijo Eckhardt Mouammar (UNESP)  
Edna Lúcia Tinoco Ponciano (UERG)  
Edson Olivari de Castro (UNESP)  
Érico Bruno Viana Campos (UNESP)  
Francisco Nilton Gomes Oliveira (UFRJ)  
Ilana Mountian (Manchester Metropolitan  
University, MMU, Grã-Bretanha)  
Jacqueline de Oliveira Moreira (PUC-SP)  
Marcelo Porto (UEG)  
Marcia Alves Tassinari (UNESA)  
Maria Alves de Toledo Bruns (FFCLRP)  
Mariana Lopez Teixeira (UFSC)  
Monilly Ramos Araujo Melo (UFCG)  
Olga Ceciliato Mattioli (ASSIS/UNESP)  
Virgínia Kastrup (UFRJ)

Este livro foi avaliado e aprovado por pareceristas *ad hoc*.

## CAPÍTULO 12

# FAMÍLIA, SOLIDARIEDADE E RELAÇÕES INTERGERACIONAIS E DE GÊNERO: avós e netos na contemporaneidade

*Natália Ramos*<sup>63</sup>

### 1. Introdução

A questão das relações e solidariedades intergeracionais tem ganhado relevância crescente em níveis social, político e científico no contexto português, europeu e internacional, colocando desafios à sociedade, à família, à comunicação e à solidariedade, entre as diferentes gerações, bem como às políticas do século XXI, nomeadamente sociais, educacionais e de saúde. Esta importância está presente mundialmente, particularmente em Portugal e na União Europeia, nomeadamente por meio da organização de diversas atividades e de algumas efemérides, das quais se destacam: a consagração do ano de 2012 como *Ano Europeu do Envelhecimento Ativo e da Solidariedade Intergeracional*; a comemoração anual, em 29 de abril, do *Dia Europeu da Solidariedade e Cooperação entre Gerações*; e, em 26 de julho, do *Dia Internacional dos Avós*.

A contemporaneidade tem sido marcada pela melhoria das tecnologias e dos cuidados com a saúde, fator que tem reflexos no aumento da longevidade e, consequentemente, coloca em relevo novas solicitações e reconfigurações das interações e solidariedades sociais e familiares entre os indivíduos de diferentes gerações.

Constitui um desafio promover uma convivência saudável e solidária entre pessoas de várias gerações. Esse tipo de convivência e solidariedade só é possível num contexto no qual haja reconhecimento da alteridade, das diferenças de idades, de valores, de competências, de saberes e do valor dessas interações e partilha. As relações entre as gerações mais velhas e mais jovens, entre avós e netos, ganha destaque especial neste âmbito.



Para a União Europeia (UE), a solidariedade entre gerações diz respeito ao apoio mútuo e à cooperação entre diferentes faixas etárias, com o objetivo de construir uma sociedade na qual as pessoas de todas as idades tenham um papel a desempenhar, de acordo com as suas necessidades e capacidades, podendo beneficiar, em igualdade de condições, ao desenvolvimento educacional, econômico e social da comunidade.

As atividades intergeracionais proporcionam espaços em que as diferentes gerações, respeitando as diferenças e os conhecimentos, criam um espaço comum de troca mútua de saberes, culturas e afetos, de solidariedades e de diálogo entre os mais velhos e os mais jovens, a partir dos conhecimentos e das experiências de cada um.

A reflexão e a discussão em torno da intergeracionalidade visam contribuir designadamente: para a construção de uma sociedade para todas as idades, na qual as diferentes gerações contribuam para uma cultura solidária, inclusiva e de cidadania; para a implementação de projetos sociais e educacionais e de programas intergeracionais, tendo em vista a inclusão e capacitação das gerações mais velhas, o desenvolvimento do diálogo e do convívio entre diferentes gerações e a diminuição do isolamento, de estereótipos e de preconceitos em relação aos idosos; para a promoção do envelhecimento ativo, saudável e bem-sucedido; para o desenvolvimento de novas relações e formas de solidariedade entre gerações na família e na sociedade e entre gerações mais jovens e mais velhas, por exemplo, entre avós e netos.

Nos diversos espaços, tempos e contextos sociais, culturais e familiares, constroem-se laços intergeracionais e identitários, tecem-se vínculos afetivos e relações privilegiadas, nomeadamente entre avós e netos, sendo transmitidos, sobretudo, por meio da família e das várias gerações, saberes, tradições, solidariedades e valores morais, espirituais, educacionais, sociais e culturais. As gerações, elos de ligação entre o passado, o presente e o futuro, são portadoras de memória individual, familiar e coletiva, de hábitos, discursos e representações, participando na perpetuação de valores e na construção de novas identidades e trajetórias individuais e grupais.

A qualidade dos vínculos afetivos, relacionais e comunicacionais entre as diferentes gerações é fundamental para o desenvolvimento, bem-estar e qualidade de vida das crianças, dos jovens e dos adultos, e contribui para a promoção de novas relações e formas de solidariedade intergeracional na família e na sociedade.

## 2. Sociedade, envelhecimento e família

Na atualidade internacional e portuguesa, o aumento da longevidade humana, o declínio da mortalidade e da natalidade, o envelhecimento da população, o aumento das migrações e da mobilidade humana, a melhoria da

qualidade de vida e dos cuidados médico-sociais, assim como as mudanças em nível dos valores e comportamentos familiares, dos papéis de gênero, da entrada massiva da mulher no mercado de trabalho, do prolongamento da escolaridade, das dificuldades dos jovens no mercado de trabalho, têm conduzido a grandes modificações e desafios sociais e familiares. Estas mudanças têm contribuído para: (a) a verticalização das famílias e o alargamento geracional; (b) o aumento da representatividade das gerações mais velhas no espaço familiar e social e de várias gerações na mesma família, sendo frequente a convivência de quatro gerações: bisavós, avós, pais e netos; (c) uma maior complexidade das relações familiares e intergeracionais; (d) numerosas readaptações individuais e familiares; (e) novos papéis, identidades e solidariedades no seio das famílias; (f) o aumento do número de idosos e da pluralidade de envelhecimento(s); (g) novas representações dos idosos e do envelhecimento; (h) a promoção de políticas e estratégias com vista à inclusão, solidariedade e convivência das diferentes gerações na família e na sociedade (SINGLEY, 1993; ATTÍAS-DONFUT, 1995, 1998; SEGALÉN, 1996; RAMOS, 2005, 2008, 2010, 2012).

As sociedades do mundo contemporâneo estão envelhecidas, nomeadamente a sociedade europeia e portuguesa. O século XXI constitui o século dos idosos e dos avós, o século no qual predominarão as gerações mais velhas relativamente às outras faixas etárias.

Dados da Organização Mundial da Saúde estimam que, em 2025, existirão um bilhão e duzentos milhões de pessoas com mais de 60 anos. Destas, aproximadamente 75% viverão nos países desenvolvidos, e o grupo etário das pessoas com 80 ou mais anos será o de maior crescimento. Por outro lado, o Índice de Envelhecimento das Nações Unidas estima que, em 2050, teremos 200 pessoas com mais de 60 anos para cada 100 crianças ou jovens. Já a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE, 2007) estima que, em 2050, o grupo populacional com mais de 65 anos aumentará, registando que uma em cada cinco pessoas terá 65 anos ou mais. Na UE, estima-se que, em 2020, haja cem milhões de cidadãos idosos e que, destes, entre dezessete e vinte e dois milhões tenham 80 ou mais anos.

Cerca de 20% da população portuguesa tem mais de 65 anos, constituindo Portugal um dos países europeus e do mundo mais envelhecidos, e ocupando o quarto país da UE com a maior percentagem de idosos. Na UE, a média de idosos situa-se nos 18,4% (PORDATA, 2014).

Em Portugal, os Censos de 2011 apresentam um contexto de envelhecimento demográfico acentuado e feminizado, com uma população idosa (pessoas com 65 e mais anos) de 19,15% (com 58% de mulheres e 42% de homens) e uma população jovem (pessoas com 14 e menos anos) de 14,89%.



Também em Portugal, a esperança de vida tem vindo a aumentar, passando de 77,72 anos, no triénio de 2003-2005, para 80,41 anos, no triénio 2013-2015 (INE, 2016).

Os avanços científicos e as políticas públicas têm vindo a contribuir para a longevidade e qualidade de vida das populações mais velhas, assim como para novas perspectivas teóricas e interventivas sobre os idosos e o envelhecimento. Estes avanços têm favorecido a imagem e as atitudes em relação aos mais velhos, a sua integração social e familiar, a sua autoestima, promovendo as relações intergeracionais, acentuando as dimensões do envelhecimento ativo e este como uma etapa aberta a outras oportunidades, atividades e papéis.

Para a Organização Mundial de Saúde (OMS), o envelhecimento ativo é um processo de otimização de oportunidades para a saúde, participação e segurança, tendo como objetivo aumentar a qualidade de vida e bem-estar durante o envelhecimento. Implica a continuação da participação em atividades várias, nomeadamente económicas, sociais, culturais, cívicas, familiares, espirituais, de lazer, a manutenção dos papéis sociais e das redes de suporte social formal e informal (WHO, 2002).

No século atual, os “novos idosos” (SIMÕES, 2006) vivem mais tempo, têm maior nível de instrução, são mais ativos e mais produtivos do que os de épocas anteriores e diferem dos estereótipos sobre a adultez em idade avançada, que ainda são numerosos. Com efeito, continuam dominando os mitos, os estereótipos negativos, os preconceitos e as crenças erradas em relação aos mais velhos, o chamado *idadismo* (BUTLER, 1980), tanto na esfera familiar como, sobretudo, na esfera social, tendo como consequência a discriminação em relação aos mais velhos, elementos que afetam o seu bem-estar social, psicológico e económico, assim como os comportamentos, as representações e as políticas em relação às pessoas mais velhas. Para Butler (1980), o fenómeno do *idadismo* é uma desordem psicossocial, caracterizada pelo preconceito individual e institucional contra as pessoas idosas, por mitos, estereótipos, aversão e evitação, contribuindo para diminuir o seu bem-estar, reduzir as suas oportunidades sociais, enfraquecer a sua dignidade pessoal e aumentar as situações de isolamento e marginalização.

Todavia, contrariamente às abordagens e aos modelos que acentuam, sobretudo, a dimensão negativa – as perdas e limitações relacionadas com o envelhecimento –, muitos autores e modelos apontam para a necessidade de ter em conta o envelhecimento ativo e saudável, com o objetivo do reconhecimento e aproveitamento das numerosas potencialidades e recursos apresentados pelos mais velhos e como contributo importante para favorecer a sua atividade produtiva, bem-estar, relações sociais e intergeracionais.

Estas perspectivas do envelhecimento, para além da ênfase na promoção da saúde, na adaptação à mudança e na prevenção da doença e incapacidade, insistem em outras variáveis importantes para a otimização do envelhecimento: (a) importância para os mais velhos do empenhamento ativo na vida, nomeadamente na importância do envolvimento social e da manutenção das relações sociais com as diferentes gerações, e na continuação do desempenho de uma atividade produtiva, remunerada ou não, destinada a produzir bens e serviços, no contexto familiar ou extrafamiliar, por exemplo, em relação aos mais jovens; (b) importância na manutenção de um elevado nível funcional nos planos cognitivo e físico, de programas de estimulação cognitiva e de desenvolvimento multidimensional; (c) importância na vivência da reforma numa perspectiva de abertura e ganho, ao invés de vulnerabilidade e risco, ou de perda/desvinculação; (d) importância da espiritualidade, da religiosidade, de sentido pessoal, de compromisso e otimismo; (e) importância de condições de vida dignas e satisfatórias (em nível de aposentadoria, das condições de habitabilidade, da segurança etc.) e de bem-estar geral.

Assim, os idosos, na sua maioria avós, atores sociais que têm enfrentado os impactos de estereótipos e discriminações, de mudanças familiares, sociais, culturais e de saúde, e conquistado relevância social, familiar e política, ocupam um lugar privilegiado nas relações e solidariedades entre gerações e na prestação de apoios e cuidados, tanto às crianças como aos adultos.

### 3. Relações e solidariedades intergeracionais

Apesar das mudanças familiares, sociais e laborais, da importância dos valores individualistas, acentuando a independência e a autonomia, dos conflitos geracionais, das limitações espaciais, económicas e de saúde, elementos que podem dificultar o papel dos avós e as relações intergeracionais e contribuir para o aumento de idosos que vivem sozinhos ou em lares, estes fatores não eliminaram as solidariedades familiares entre as gerações mais velhas e mais jovens, nomeadamente nos cuidados às crianças ou aos idosos, no apoio na doença ou no apoio dos avós em momentos de crise familiar (divórcio, abandono, desemprego, doença, prisão, migração, maternidade/paternidade na adolescência). Do mesmo modo, não eliminaram o *altruismo participativo* na família (MOSCOVICI, 2001), conceito que se traduz pela participação intensa na vida em comum, pela dedicação e vínculo a uma comunidade, a um grupo com o qual nos identificamos. Trata-se de um *altruismo sem Outro*, no qual o Eu e o Outro não estão verdadeiramente distintos. O *Outro* constitui o *Nós* que liga os membros da família, um *Nós* familiar altruísta e solidário. Nas famílias, produzem-se, deste modo, múltiplas



formas e práticas de solidariedades intergeracionais, *invisíveis e silenciosas*, tratando-se de uma solidariedade, dedicação e ajuda considerada *natural*, uma *dádiva/amor* (BOLTANSKI, 1990), um *dever* que não se questiona.

Apesar de uma transferência progressiva de funções, consideradas exclusivas da família para outros agentes sociais, na Europa, como em outros continentes, a maioria dos cuidados prestados aos indivíduos é efetuada por familiares, continuando a família a representar o lugar privilegiado de desenvolvimento, socialização, cuidados, proteção e solidariedade. Na cultura portuguesa, por exemplo, é ainda considerado um processo natural e habitual as famílias serem responsáveis pelos cuidados aos seus familiares idosos.

Como têm evidenciado diferentes estudos (MESTHENESO et al., 2005), a relação entre as pessoas, baseada no amor e no afeto, o tipo de relacionamento familiar, enquanto compromisso afetivo construído ao longo do tempo, constitui uma variável determinante para a prestação de apoio familiar às diferentes gerações, sobretudo às pessoas idosas, sobrepondo-se à obrigação e dádiva. Como confirma este estudo (Projeto *Eurofamcare*) com agregados familiares que cuidam de idosos dependentes em seis países europeus (Alemanha, Grécia, Itália, Inglaterra, Polónia e Suécia), os principais motivos para prestar cuidados aos idosos são os seguintes: os laços afetivos (57%); o dever (15%); a obrigação (13%); a ausência de outra alternativa (3%). Contudo, em relação aos apoios e cuidados prestados aos idosos, bem como às crianças e jovens, os estudos norte-americanos e europeus salientam que, apesar da grande predominância feminina, nomeadamente das avós, os homens (avós, pais, maridos ou filhos) participam cada vez mais nestes cuidados (BOLTANSKI, 1990; SAILLANT, 1992; LESEMAN et al., 1993; RAMOS, 1993, 2004, 2005, 2008, 2010, 2012; JANI-LE BRIS, 1994; KELLERHALS et al., 1994; ATTIAS-DONFUT, 1995, 1998; SALVAGE, 1996; BARBER, 1999; LAVOIE, 2000; MOREIRA, 2001; O'SHEA, 2002).

As relações entre as diferentes gerações na família, entre avós, pais e netos continuam sólidas, registando-se, hoje, novas alianças e redes de apoio entre as gerações (ATTIAS-DONFUT; SEGALIN, 1998; CASTELLAN, 1998; BELSKY, 2001; SAILLANT, 2001; BENGTSON et al., 2003; LITWAK et al., 2003; RAMOS, 1993, 2004, 2005; SMITH, 2004; LANÇA, 2005; SILVA, 2012; RODRIGUES, 2013). A família não perdeu a sua função enquanto rede social e encontrou outras formas de parceria com outras redes formais, sendo duas das suas principais funções: a socialização das crianças e o apoio aos adultos. Nestas novas alianças, e nas práticas de solidariedade familiar intergeracional que continuam ativas, ainda que mais ou menos invisíveis e silenciadas, e, contrariamente à crença generalizada da

sua perda, destacam-se, particularmente, o papel dos avós e as relações entre avós e netos.

Em toda a Europa, 17% dos avós têm os seus próprios pais vivos. Diversos estudos revelam que, no velho continente, os avós, especialmente as avós, desempenham um papel essencial na prestação de cuidados diários ou ocasionais aos seus netos. O estudo europeu *A Prestação de Cuidados Pelos Avós na Europa* (GLASER et al., 2013) faz uma análise comparativa sobre as políticas familiares e a sua influência no papel dos avós, enquanto prestadores de cuidados infantis, na Áustria, Bélgica, Dinamarca, França, Alemanha, Grécia, Itália, Holanda, Espanha, Suécia, Suíça, Portugal, Espanha Itália e Romênia, concluindo que mais de 40% dos avós asseguram o cuidado aos netos, sem a presença dos pais das crianças, e assinalando que, em Portugal, a prestação de cuidados intensivos, isto é, diários, ou envolvendo mais de 15 horas por semana, é superior aos cuidados ocasionais. São os países do sul da Europa, ou seja, Portugal, Espanha, Itália e Romênia, os que apresentam uma maior percentagem de avós que cuidam de netos em tempo integral. Segundo os autores, nestes quatro países, as prestações sociais pagas aos pais e às mães que ficam em casa são limitadas, existe pouca oferta de estruturas formais de acolhimento de crianças e poucas oportunidades de as mães trabalharem em tempo parcial, trabalhando estas, frequentemente, mais de 40 horas por semana. Os países com maior recurso a estruturas formais de acolhimento de crianças (Suécia e Dinamarca) são os que apresentam as percentagens mais reduzidas no que se refere à prestação de cuidados integrais às crianças pelas avós.

Outro estudo realizado em Portugal evidencia que 70,5% dos avós fazem parte da rede direta de apoio das famílias portuguesas, seja no cuidado aos netos, seja no suporte financeiro, seja, ainda, noutro tipo de apoio (ABOIM; VASCONCELOS; WALL, 2013).

Estudos de Wolff (1998), realizados na Alemanha, salientam que a guarda dos netos pelos avós origina múltiplas formas de reciprocidade entre as três gerações, destacando, dentre elas, por exemplo, o fato de os netos virem a manter, no futuro, uma relação privilegiada duradoura com o avô que se ocupou deles, ou de os pais, cujos filhos foram cuidados pelos avós, virem a manter relações mais estreitas com estes quando forem mais idosos, fazendo-lhes, em média, dez visitas anuais suplementares.

A investigação de Attias-Donfut e Segalen (1998), na França, evidencia esta solidariedade e reciprocidade entre as gerações, sublinhando que o investimento no papel de avós não diminuiu o investimento junto das pessoas mais velhas. Pelo contrário, o investimento junto dos idosos é maior naqueles que se ocupam mais vezes e regularmente dos netos. Esta pesquisa



sublinha, ainda, que, entre os que cuidam das crianças semanalmente, 47% ocupam-se também de forma regular dos pais idosos, enquanto que, entre aqueles que não se ocupam nunca dos seus netos, só 27% se dedicam aos cuidados dos mais velhos.

Numerosas investigações, em diferentes contextos sociais e culturais, nomeadamente Portugal, confirmam a importância da transmissão intergeracional dos valores e práticas educativas, mostrando que esta transmissão é também involuntária e inconsciente. O suporte das solidariedades familiares é composto de afetos e trocas, de dádivas e reciprocidades, de negociações e estratégias entre os membros da família, de normas e relações que se estabelecem ao longo do tempo, estando a dívida e a obrigação em relação aos ascendentes, em maior ou menor grau, presentes nos discursos e nas práticas. Estas solidariedades são igualmente originadas consciente e inconscientemente, por um sentimento de obrigação e de dever influenciado pelos valores, normas e costumes da cultura e do grupo social em que vivem os indivíduos e as famílias (SINGLEY, 1993; KELLERHALS, 1994; LESEMANN et al., 1994; ATTIAS-DONFUT, 1995, 1997; SALVAGE, 1996).

#### 4. Avós e netos

O papel e o poder dos avós estão hoje reforçados na legislação e na família, continuando as relações avós-netos a ocupar um espaço fundamental no imaginário e no discurso dos diferentes grupos geracionais e étnico-culturais (RAMOS, 1993, 2004, 2005, 2008, 2012; RODRIGUES, 2013). Numerosos estudos, em diferentes contextos sociais e culturais ou sobre migrantes, nomeadamente em Portugal, confirmam a importância da família, dos idosos e dos avós na transmissão intergeracional da cultura, língua e costumes, assim como dos valores, normas e práticas educativas.

É na família, espaço relacional, sistémico, socializador, interativo, dinâmico, complexo, cultural e intersubjetivo por excelência, que a criança vai se estruturar psíquica e culturalmente, desde o seu nascimento, por meio da herança transmitida de geração em geração e da construção de vínculos e relações intrafamiliares e intergeracionais que promovem, ao mesmo tempo, a sua individuação, a sua autonomia, a sua identidade e integração no seu grupo, na sua comunidade e na sua cultura (RAMOS, 2004).

Nas relações intergeracionais e familiares, particularmente entre avós e netos, a transmissão psíquica e cultural entre as gerações é fundamental, constituindo os avós a base do equilíbrio necessário entre o imaginário familiar e os laços de filiação, participando de uma forma consciente e inconsciente na construção psíquica dos netos e na transmissão psíquica e cultural

geracional, representando, igualmente, um apoio emocional, educativo e instrumental importante para os netos e para os pais.

O papel dos avós é marcado por uma relação complexa e plural, existindo múltiplos fatores que podem influenciar a diversidade de relações avós-netos e o maior ou menor envolvimento, nomeadamente: a estrutura psíquica dos avós, a história familiar, o tipo de relacionamento com os filhos; a idade, o gênero e a saúde dos avós, o meio social e cultural em que vivem; a distância a que vivem dos netos e filhos; o sentimento de competência para lidar com as mudanças socioculturais e com as novas exigências colocadas por filhos e netos.

Atualmente, é frequente os avós compartilharem, durante mais tempo, a vida jovem ou adulta dos netos, criando-se novas modalidades relacionais, afetivas, educativas e de solidariedade mútua entre avós e netos, nas quais, muitas vezes, os netos se transformam em cuidadores dos avós e avós e netos se tornam confidentes, conselheiros e mediadores, quando existem conflitos intergeracionais e intrafamiliares.

As relações entre avós e netos são hoje mais individualizadas, mais abertas e mais alargadas no tempo. A maioria das crianças e jovens tem hoje: a oportunidade de nascer e viver mais tempo com os quatro avós vivos e com bisavós; a possibilidade de conviver com avós mais saudáveis, mais instruídos, que vivem mais tempo e que têm, em geral, mais poder económico (usufruem de aposentadorias, por vezes confortáveis, e do apoio do Estado, sendo uma parte destes bens utilizada para ajuda material aos filhos e netos); o benefício de um apoio mais individualizado dos avós, uma vez que, nascendo menos crianças, os avós têm menos netos para cuidar ou apoiar (ATTIAS-DONFUT; SEGALEN, 1998).

Ser avó ou avô proporciona novas identidades, novos papéis, novas interações, dá um sentido à vida e um desejo de continuidade. Junto dos netos, os avós têm uma influência direta e, enquanto pais dos pais dos netos, têm uma influência importante nas atitudes e nos comportamentos educativos dos seus filhos, agora pais e educadores. Na cultura portuguesa, considera-se mesmo que ser avó ou avô é ser mãe e pai duas vezes.

Kivnick (1982a, 1982b), Ramos (1993, 1994, 1995, 2005) e Rodrigues (2013) salientam algumas das funções afetivas e educativas dos avós, como: assegurar a continuidade e os laços de filiação; transmitir conhecimentos; proporcionar cuidados e afetos à criança, promovendo o desenvolvimento da mesma; guardar a memória e favorecer a transmissão das tradições e valores familiares, educativos e culturais.

Muitos estudos evidenciam que o tipo de educação e de cuidados de que os pais foram objeto na infância influencia a forma e o estilo como cuidam e educam os seus próprios filhos (KIVNICK, 1982a; BRAZELTON, 1988; RAMOS, 1993, 1995, 2004, 2008; KORNBABER, 1996; CASTELLAN, 1998).



Os *papéis dos avós* podem assumir diferentes modalidades, distinguindo Neugerten e Weinstein (1964), cinco estilos: *o lúdico*, no qual predominam a valorização da brincadeira, da satisfação e do prazer mútuos e as atividades informais; *o formal*, em que há uma definição clara de papéis, nomeadamente em relação aos dos pais, e a adoção de comportamentos convencionais segundo as representações do papel de avós; *o autoritário*, colocando quer os netos, quer os pais dos netos numa situação de subordinação; *o distante*, havendo contatos reduzidos com os netos, apenas ocasionalmente, por exemplo, em aniversários e festas; e *o substitutivo*, caracterizando os avós que tendem a assumir os cuidados e as responsabilidades educativas na ausência ou incapacidade dos pais.

Investigações na Europa e nos EUA evidenciam que o gênero também tem a sua influência nos papéis de ser avó e avô. Este papel é importante para ambos, mas, sobretudo, para a mulher. As *mulheres* têm tendência a ser mais ativas e participantes, a envolverem-se, preferencialmente, com aspetos emocionais, atividades de *maternagem*, socialização e práticas educativas quotidianas e domésticas e cuidados de saúde dos netos. Os *homens* participam, sobretudo, nas atividades lúdicas e de lazer, preocupando-se mais com os estudos, o trabalho e o futuro dos netos (RAMOS, 1993, 1995, 2004, 2008, 2012). São várias as investigações que mostram que os avós de hoje estão mais presentes e são mais permissivos nas brincadeiras e menos rígidos para os seus netos do que foram para os seus filhos (RODRIGUES, 2013).

Avós e avôs deixam memórias e recordações diferentes nas crianças e nos adultos. Os *avôs* são recordados e relacionados pelos netos com a história social, sendo descritos no seu trabalho, atividades e implicações no domínio exterior/público. Por seu lado, as *avós* são relacionadas com a história familiar, a casa, a cozinha, os cheiros, as roupas, isto é, com o domínio privado/familiar, numa clara divisão sexual de papéis (ATTIAS-DONFUT; SEGALÉN, 1998).

Em relação às expectativas dos avós, estudos realizados nos EUA, junto de futuros avós, salientam que estes, sobretudo *as avós*, têm grandes expectativas em relação aos seus papéis. *As avós* têm esperança de que o novo papel lhes traga grandes satisfações, desejando fortemente ser úteis junto dos netos e serem consideradas tolerantes e sábias. Por seu lado, *os avós*, imaginam, sobretudo, um papel de conselheiros junto dos pais e netos e de prestação de cuidados e apoio aos netos (SOMARY; STRICKER, 1998).

Em Portugal, os avós de diferentes classes sociais e gerações, residindo em Portugal ou em diáspora, desempenham um papel muito importante nas diferentes etapas da vida dos netos, sobretudo na infância, momento no qual as crianças se beneficiam do carinho, da disponibilidade e dos cuidados daqueles. Palavras e gestos de avós fundamentam-se em ternura, felicidade, idealização, recordações do passado e sonhos de futuro, teias geracionais

de ligação entre o passado, o presente e o futuro, a tradição, a renovação e a modernidade, de transmissão cultural e linguística. As avós e os avôs portugueses desempenham um papel fundamental nos cuidados e educação dos netos e no apoio aos pais, como testemunham as diversas investigações e os trabalhos filmicos e escritos que temos realizado desde a década de 80 do século passado, tanto em contextos autóctones como em contexto migratório.

A relação e a convivência entre avós e netos são permeadas de complexidades, de significados, de valores, de passagem de testemunho, de conhecimentos, de memórias, de legados geracionais. Com efeito, a acumulação de experiências e de saberes ao longo da vida das gerações mais velhas favorece a preocupação em transmitir conhecimentos, em facultar orientação e aconselhamento às gerações mais novas.

As gerações mais velhas, designadamente os avós, continuam tendo uma função importante na socialização, educação e transmissão de conhecimentos às novas gerações, funções que favorecem o diálogo e a aproximação entre as gerações, contribuem para a diminuição dos preconceitos e isolamento em relação ao idoso e promovem a sua autoestima e bem-estar, assim como desenvolvem os laços afetivos e a solidariedade entre as gerações envolvidas. As relações intergeracionais, em particular entre as gerações mais velhas e as mais jovens, entre avós e netos, em contexto autóctone, mas, sobretudo, migratório, contribuem para a aprendizagem da língua e cultura do país de origem, para o reforço da identidade cultural de origem, principalmente nas gerações mais jovens, para a integração e o sucesso escolar e para a coesão social do grupo.

Oliveira (1993, 1999) insiste na importância da *coeducação das gerações* e da transmissão de saberes dos mais velhos aos mais jovens, que denomina de *conhecimentos* e Vitale (2000), de *legados*. Segundo Vitale (2000), os legados que as gerações mais velhas se esforçam por transmitir aos mais jovens podem ser classificados de: (a) *legados de ordem*, que se referem à responsabilidade, organização, costumes e educação; (b) *legados de solidariedade*, que dizem respeito aos sentimentos e valores como o amor, a amizade, o senso de justiça, a colaboração e o respeito; (c) *legados de fé*, relativos à fé, à espiritualidade e à religiosidade.

Já Dumazedier (2002), sobre a *transmissão de saberes* entre as diferentes gerações, destaca três modalidades, as quais são importantes para o desenvolvimento das relações e da solidariedade intergeracionais: (a) a *transmissão dos saberes das velhas às novas gerações*, as quais continuam a ter uma função de transmissão de conhecimentos, nomeadamente em meio familiar; (b) a *transmissão dos saberes das novas gerações para as mais velhas*, por meio de práticas não só de autoformação, mas, também apoiadas pelas instituições educacionais, ou independentes delas, ou das novas tecnologias; (c) a coexistência pacífica ou conflituosa entre os saberes de ontem



e de hoje, no sentido de uma *coeducação das gerações*, com o objetivo de transmitir saberes e negociar as fronteiras entre os saberes e as competências de ontem e de hoje, e combater os *guetos* geracionais.

Educar, no mundo de hoje, com valores diferentes, poderá ser, também, fonte de conflito e dificuldade para muitos avós. Alguns estudos revelam as dificuldades de avós em tempo integral, ao confrontarem-se com as questões de educar hoje os seus netos, em comparação com os seus filhos, numa sociedade e escola que promovem valores, aprendizagens e competências muito diferentes (DOLBIN-MACNAB, 2006). Por exemplo, atitudes liberais e tolerância face a certos comportamentos, como: sexualidade, violência, drogas e álcool, os novos meios e tecnologias de informação e comunicação, a internet, que são alguns elementos considerados por estes avós como barreiras e dificuldades encontradas na educação dos netos no mundo de hoje, por isso consideram ter necessidade de informações sobre saber "educar na sociedade contemporânea". Por algumas destas razões, existem, atualmente, nos EUA, diferentes associações que propõem programas de formação e apoio para estes avós, nomeadamente a *Grandparents Raising Grandchildren* ou a *Grandparents as Parents*, no Canadá, existindo mesmo estruturas residenciais que se destinam a estes agregados familiares, designadas de *grandfamilies houses*.

As relações intergeracionais, ainda que funcionem como sistema de apoio mútuo e espaço central de processos de solidariedade familiar, poderão constituir, igualmente, espaços de confronto, de conflito e de ambiguidade. Robinson (1989) considera que os avós que têm um bom relacionamento com os seus filhos adultos e com os cônjuges dos mesmos, têm maior probabilidade de desenvolver uma relação mais ativa e gratificante com os netos. A existência de netos pode, também, contribuir para a melhoria da qualidade da relação entre pais e filhos. Já Colarusso (1997) assinala o processo de transição para o estatuto de avó ou avô como um dos momentos em que os conflitos poderão reaparecer e em que, por meio dos netos, tensões e conflitos com os filhos com os pais e consigo mesmo podem ser reelaborados.

## 5. Considerações finais

A família constitui um espaço institucional privilegiado para a construção da vida psíquica e cultural, para a transmissão intergeracional e para o desenvolvimento integral dos seus membros, proporcionando suportes básicos indispensáveis para a constituição do ser humano enquanto ser individual, social e cultural, fornecendo normas e regras na relação e no funcionamento entre os seus membros, e inscrevendo o indivíduo nas dinâmicas e processos intergeracionais familiares e culturais.

Nas diferentes culturas, os mais velhos e os avós constituem elos sólidos de apoio e solidariedade entre gerações, funcionando como âncoras da cultura, tradição, educação, transmissão e afetos.

Para promover a convivência e a solidariedade entre as gerações, e para melhor lidar com o envelhecimento populacional, é necessário que cada país, nomeadamente os seus decisores políticos e a sociedade civil, desenvolva esforços para a implementação de políticas públicas, programas e atividades que promovam e melhorem a educação, a saúde, a participação social, a solidariedade e a educação intergeracionais e a proteção dos cidadãos em todas as fases da vida.

As solidariedades familiares não se explicam, unicamente, pelas relações, afetos, negociações e estratégias entre os membros da família, mas são, igualmente, originadas por um sentimento de obrigação e de dever influenciado pelos valores, normas e costumes da cultura e da sociedade em que vivem os indivíduos e as famílias.

Embora a família constitua um núcleo ativo e multidimensional de solidariedades, ela não pode substituir a falta de solidariedade social e as falhas do Estado, solidariedades e responsabilidades que a sociedade e o Estado deverão igualmente assumir. Há necessidade de a família ser apoiada e cuidada por uma sociedade e um Estado mais responsáveis e solidários, de um maior equilíbrio e coordenação entre a prestação de cuidados informais e formais, e do desenvolvimento de políticas públicas adequadas e coordenadas neste âmbito.

É importante promover o diálogo, a aprendizagem e o convívio entre as gerações e a construção de uma sociedade para todas as idades, em que as diferentes gerações contribuam para uma cultura solidária e de cidadania, e para o bem-estar de todos. Educar para o respeito e a solidariedade com as várias gerações, particularmente com os mais velhos, promover as relações entre avós e netos, é tarefa de todos e de todas as instâncias sociais. Contudo, sendo a família o primeiro exemplo de relação intergeracional, a primeira instituição socializadora e educativa e a principal responsável pela transmissão da cultura e dos valores entre as gerações, é, sobretudo, na família que estes valores poderão ser verdadeiramente ensinados, cultivados e aprofundados desde muito cedo.

A documentação científica, o cinema e a literatura constituem instrumentos importantes de divulgação, conhecimento, educação, sensibilização e discussão das vivências, representações e subjetividades relativas à intergeracionalidade, ao envelhecimento e às relações entre avós e netos. São importantes meios pedagógicos com o intuito de educar para as relações e solidariedades entre as várias gerações, particularmente para a importância da solidariedade entre avós e netos e para a construção de uma sociedade promotora do bem-estar e integração de todas as idades, na qual as diferentes gerações contribuam para uma cultura solidária, inclusiva e de cidadania.



Nos diferentes espaços e tempos, são numerosas as narrativas escritas e filmicas dando voz a avós e netos, veiculando imagens e representações sobre as relações entre as gerações mais velhas e as mais jovens, e que nos introduzem no imaginário, nas memórias e nos sentimentos de avós e netos. Muitas delas são de cariz autobiográfico. Destacamos a homenagem, feita em Estocolmo, em 1998, do neto José Saramago aos seus avós, quando do discurso na Academia Sueca, ao receber o Prémio Nobel de Literatura:

Enquanto o sono não chegava, a noite povoava-se com as histórias e os casos que o meu avô ia contando: lendas, aparições, assombros, episódios singulares, mortes antigas, zaragatas de pau e pedra, palavras de antepassados, um incansável rumor de memórias que me mantinha desperto, ao mesmo tempo que suavemente me acalentava. Nunca pude saber se ele se calava quando se apercebia de que eu tinha adormecido, ou se continuava a falar para não deixar em meio a resposta à pergunta que invariavelmente lhe fazia nas pausas mais demoradas que ele calculadamente metia no relato: “E depois?” Naquela idade minha e naquele tempo de nós todos, nem será preciso dizer que eu imaginava que o meu avô Jerónimo era senhor de toda a ciência do mundo. [...] Minha avó, já a pé antes do meu avô, punha-me na frente uma grande tigela de café com pedaços de pão e perguntava-me se tinha dormido bem. Se eu lhe contava algum mau sonho nascido das histórias do avô, ela sempre me tranquilizava: “Não faças caso, em sonhos não há firmeza”. Pensava então que a minha avó, embora fosse também uma mulher muito sábia, não alcançava as alturas do meu avô, esse que, deitado debaixo da figueira, tendo ao lado o neto José, era capaz de pôr o universo em movimento apenas com duas palavras. Foi só muitos anos depois, quando o meu avô já se tinha ido deste mundo e eu era um homem feito, que vim a compreender que a avó, afinal, também acreditava em sonhos. Outra coisa não poderia significar que, estando ela sentada, uma noite, à porta da sua pobre casa, onde então vivia sozinha, a olhar as estrelas maiores e menores por cima da sua cabeça, tivesse dito estas palavras: “O mundo é tão bonito, e eu tenho tanta pena de morrer” (SARAMAGO, 1998).

Para finalizar, destacamos, igualmente, a crônica “Carta a Josefa, minha avó”, escrita, em 1968, por José Saramago e adaptada para filme/vídeo por dois jovens realizadores portugueses, em homenagem aos avós (RAPOSO; DESCALÇO, 2014), sendo a interpretação de André Raposo e da sua avó Maria Alice Amaro Gois.

Tens noventa anos. És velha, dolorida. Dizes-me que foste a mais bela rapariga do teu tempo – e eu acredito. Não sabes ler. Tens as mãos

grossas e deformadas, os pés encortiçados. Carregaste à cabeça toneladas de restolho e lenha, albufeiras de água.

Viste nascer o sol todos os dias. De todo o pão que amassaste se faria um banquete universal. Criaste pessoas e gado, meteste os bácoros na tua própria cama quando o frio ameaçava gelá-los. Contaste-me histórias de aparições e lobisomens, velhas questões de família, um crime de morte. Trave da tua casa, lume da tua lareira – sete vezes engravidaste, sete vezes deste à luz. Não sabes nada do mundo. Não entendes de política, nem de economia, nem de literatura, nem de filosofia, nem de religião. Herdaste umas centenas de palavras práticas, um vocabulário elementar. Com isto viveste e vais vivendo. És sensível às catástrofes e também aos casos de rua, aos casamentos de princesas e ao roubo dos coelhos da vizinha. Tens grandes ódios por motivos de que já perdeste lembrança, grandes dedicações que assentam em coisa nenhuma. Vives. Para ti, a palavra Vietname é apenas um som bárbaro que não condiz com o teu círculo de légua e meia de raio. Da fome sabes alguma coisa: já viste uma bandeira negra içada na torre da igreja. (Contaste-mo tu, ou terei sonhado que o contavas?)

Transportas contigo o teu pequeno casulo de interesses. E, no entanto, tens os olhos claros e és alegre. O teu riso é como um foguete de cores. Como tu, não vi rir ninguém. Estou diante de ti, e não entendo. Sou da tua carne e do teu sangue, mas não entendo. Vieste a este mundo e não curaste de saber o que é o mundo. Chegas ao fim da vida, e o mundo ainda é, para ti, o que era quando nasceste: uma interrogação, um mistério inacessível, uma coisa que não faz parte da tua herança: quinhentas palavras, um quintal a que em cinco minutos se dá a volta, uma casa de telha-vã e chão de barro. Aperto a tua mão calosa, passo a minha mão pela tua face enrugada e pelos teus cabelos brancos, partidos pelo peso dos carregos – e continuo a não entender. Foste bela, dizes, e bem vejo que és inteligente. Por que foi então que te roubaram o mundo? Quem to roubou? Mas disto talvez entenda eu, e dir-te-ia o como, o porquê e o quando se soubesse escolher das minhas inúmeras palavras as que tu pudesses compreender. Já não vale a pena. O mundo continuará sem ti – e sem mim. Não teremos dito um ao outro o que mais importava. Não teremos, realmente? Eu não te terei dado, porque as minhas palavras não são as tuas, o mundo que te era devido. Fico com esta culpa de que me não acusas – e isso ainda é pior. Mas porquê, avó, por que te sentas tu na soleira da tua porta, aberta para a noite estrelada e imensa, para o céu de que nada sabes e por onde nunca viajarás, para o silêncio dos campos e das árvores assombradas, e dizes, com a tranquila serenidade dos teus noventa anos e o fogo da tua adolescência nunca perdida: “O mundo é tão bonito, e eu tenho tanta pena de morrer!” É isto que eu não entendo – mas a culpa não é tua. (SARAMAGO, *Jornal A Capital*, 1968)



## REFERÊNCIAS

ATTIAS-DONFUT, C. **Les solidarités entre générations. Vieillesse, famille, Etat**. Paris: Nathan, 1995.

ATTIAS-DONFUT, C.; LAPIERRE, N. **La famille providence**. Paris: La Documentation Française, 1997.

ATTIAS DONFUT, C.; SEGALEN, M. **Grands-parents. La famille à travers les générations**. Paris: Odile Jacob, 1998.

BENGTSON, V.; ROBERTSON, J. (Eds.). **Grandparenthood**. London: Sage Publications, 1985.

BOUCHET, S. **De mère à grand-mère. Approche psychanalytique d'une identité nouvelle**. Paris: Bayard-Paidós, 1992.

BUTLER, R. N. Ageism: A foreward. **Journal of Social Issues**, v. 36, p. 8-11, 1980.

CASTELLAN, Y. **Psychologie de la famille**. Paris: Payot, 1993.

\_\_\_\_\_. **Les grands-parents ces inconnus**. Paris: Bayard Editions, 1998.

COLARUSSO, C.A. Separation-Individuation Process in Middle Adulthood: The Fourth Individuation. In: AKHTAR, S.; KRAMER, S. (Orgs.), **The Seasons of Life: Separation-Individuation Perspectives**. Northvale: Jason Aronson, 1997. p. 73-94.

COMISSÃO EUROPEIA. **Proposta de Decisão do Parlamento Europeu e do Conselho relativa ao Ano Europeu do Envelhecimento Ativo 2012**. Bruxelas: CE, 2010.

DOLBIN-MACNAB, M. L. Just Like Raising Your Own? Grandmothers' Perceptions of Parenting a Second Time Around. **Family Relations**, v. 55, n. 5, p. 564-575, 2006.

DUMAZEDIER, J. **Penser l'autoformation**. Lyon: Chronique Sociale, 2002.

FERLAND, F. **Os avós nos dias de hoje. Prazeres e armadilhas**. Lisboa: Edições CLIMEPSI, 2006.

GLASER, K. et al. **Grandparenting in Europe**. London: Grandparents Plus, 2010.

GLASER, K. et al. **A prestação de cuidados pelos avós na Europa: as políticas familiares e o papel dos avós na prestação de cuidados infantis**. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian. King's College London. Grandparents Plus, 2013.

KIVNICK, H. Grandparenthood: an overview of meaning and mental health. **Gerontologist**, v. 22, p. 59-62, 1982a.

\_\_\_\_\_. Dimensions of grandparenthood meaning: deductive conceptualization and empirical derivation. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 44, n. 5, p. 1056-1068, 1982b.

KORNHABER, A. **Contemporary grand parenting**. New York: Sage Publications, 1996.

KORNHABER, A., WOODWARD, K. **Grands-parents et petits-enfants: le lien vital**. Paris: R.Lafont, 1981. (Trad. Fr. 1988).

KRAMER, D. Conceptualizing wisdom: The primacy of cognition relations. In: STERNBERG, R. (Ed.). **Wisdom: Its nature, origins and development**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990. p. 279-309.

LANÇA, F. **Cuidados alimentares e estilos comunicacionais. Avós – netos nos dois primeiros anos de vida**. Dissertação (Mestrado de Comunicação em Saúde) – Universidade Aberta, Lisboa, 2005.

LITWAK, E.; SILVERSTEIN, M.; BENGTSON, V. Theories about families, organizations and social supports. In: BENGTSON, V.; LOWENSTEIN, A. (Eds.). **Global aging and challenges to families**. New York: Walter de Gruyter, 2003.

MESTHENESO, E.; TRIANTAFILLOU, J. Overview summary of the Eurofamcare, TransEuropean-Survey Report. **Services for Supporting Family Careers of Elderly People in Europe: Characteristics, Coverage and Usage**. Athens, Hamburg: Eurofamcare, 2005.

MOSCOVICI, S. **Psychologie Sociale des relations à autrui**. Paris: Nathan, 2001.



NEUGARTEN, B.; WEINSTEIN, K. The changing American grandparent. In: NEUGARTEN, B. (Ed.). **Middle age and aging**. London: University of Chicago Press, 1968.

OCDE. **Maintenir la Prospérité dans une Société en Vieillesse**. OCDE, 1998.

\_\_\_\_\_. **Trends in severe disability among elderly people**: Assessing the evidence in 12 OCDE countries and the future implication. OCDE: Health Working Papers, n. 26, 2007.

OLIVEIRA, P. S. **Vidas Compartilhadas**: o universo cultural nas relações entre avós e netos. São Paulo: Universidade de São Paulo/Instituto de Psicologia. 1993. v.1.

\_\_\_\_\_. **Vidas compartilhadas**: cultura e co-educação de gerações na vida cotidiana. São Paulo: Hucitec/FAPESP, 1999.

OMS. **Vieillir en Restant Actif**: Cadre d'Orientation. OMS, 2002.

\_\_\_\_\_. **Envelhecimento Ativo. Um Projeto de Política de Saúde**. Madrid, 2002.

\_\_\_\_\_. **Envelhecimento Ativo**: uma política de Saúde. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2005.

RAMOS, N. **Maternage en milieu portugais autochtone et immigré. De la tradition à la modernité. Une étude ethnopshologique**. Tese (Doutorado em Psicologia) – Paris V: Université René Descartes, Sorbonne, 1993. v. 2.

\_\_\_\_\_. Educação, saúde e culturas – Novas perspectivas de investigação e intervenção na infância. **Revista Portuguesa de Pedagogia**, v. 1/2/3/36, p. 463-487, 2002.

\_\_\_\_\_. **Psicologia Clínica e da Saúde**. Lisboa: Univ. Aberta, 2004a.

\_\_\_\_\_. A família nos cuidados à criança e na socialização precoce em Portugal e no Brasil: uma abordagem intercultural comparativa. In: COVA, A.; RAMOS, N.; JOAQUIM, T. (Orgs.). **Desafios da comparação. Família, mulher e género em Portugal e no Brasil**. Oeiras: Celta, 2004b. p. 149-190.

\_\_\_\_\_. Relações e solidariedades intergeracionais na família – dos avós aos netos. **Revista Portuguesa de Pedagogia**, v. 39, n. 1, p. 195-216, 2005.

\_\_\_\_\_. Família, Cultura e Relações Intergeracionais. **Actas do Congresso Solidariedade Intergeracional**. (jan. 2005). Lisboa, CEMRI, Univ. Aberta, p. 315-329, 2008.

\_\_\_\_\_. Avós e netos através da(s) imagem (s) e das culturas. In: RAMOS, N.; MARUJO, M.; BATISTA, A. (Orgs.). **A Voz dos Avós. Migrações, Memória e Património Cultural**. Coimbra: Gráfica de Coimbra e Pro Dignitate, 2012a. p. 33-56.

\_\_\_\_\_. Relationships and Intergenerational Solidarities – Social, educational and health challenges. In: OLIVEIRA, A. (Coord.). **Promoting conscious and active learning and aging**: How to face current and future challenges? Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, University Press, 2013. p. 129-145.

\_\_\_\_\_. Canções de embalar: Comunicação intergeracional, desenvolvimento humano e património cultural. In: SIMAS, R. (Coord.). **A Voz dos Avós. Gerações e Migrações**. Lisboa: Colibri, 2014. p. 147-161.

\_\_\_\_\_. Tecendo Laços e Solidariedades entre Gerações: Espaços, Vozes e Representações de Avós e Netos. **Aprender, Envelhecer, SER. Agenda de Gerontologia 2017**. In: BARRADAS, S.; OLIVEIRA, A. (Orgs.). Coimbra: Alma Letra Ed., 2016. p. 63-79.

RAMOS, N.; MARUJO, M.; BAPTISTA, A. **A Voz dos Avós – Migrações, Memória e Património Cultural**. Coimbra: Gráfica de Coimbra e Pro Dignitate, 2012b.

ROBERTSON, J. Significance of grandparents: Perceptions of young adult grandchildren. **The Gerontologist**, v. 16, n. 2, p. 137-140, 1976.

\_\_\_\_\_. Grandmotherhood: a study of role conceptions. **Journal of Marriage and the Family**, v. 39, p. 165-174, 1977.

RODRIGUES, J. P. **Práticas e saberes das avós no cuidar das crianças. Uma abordagem intergeracional e intercultural**. Dissertação (Mestrado em Comunicação em Saúde) – Universidade Aberta, Lisboa, 2008.



RODRIGUES, J. P. **Os avós na família e sociedade contemporâneas. Uma Abordagem Intergeracional e Intercultural**. Tese (Doutorado em Psicologia) – Especialidade em Psicologia Intercultural, Universidade Aberta, Lisboa, 2013.

SARAMAGO, J. Carta a Josefa, minha avó. **Jornal A Capital**, Lisboa, 1968.

\_\_\_\_\_. **Avô Jerónimo e Avó Josefa**. Discurso na Academia Sueca ao Receber o Prémio Nobel de Literatura. Estocolmo, 1998.

SEGALEN, M. **Sociologie de la famille**. Paris: A. Colin, 1996.

SILVA, A. M. A Colaboração dos Avós na Educação dos Netos. **Interfaces Científicas – Educação**, Aracaju, v. 1, n. 1, p. 67-75, 2012.

SIMÕES, A. **A Nova Velhice – Um novo público a educar**. Porto: Ambar, 2006. (Coleção idade do saber).

SINGLY, F. **Sociologie de la famille contemporaine**. Paris: Nathan, 1993.

SOMARY, K.; STRICKER, G. Becoming a grandparent: a longitudinal study of expectations and early experiences as a function of sex and lineage. **The Gerontologist**, v. 100, n. 1, p. 53-61, 1998.

VANDENPLAS-HOLPER, C. **Desenvolvimento psicológico na idade adulta e durante a velhice**: Maturidade e sabedoria. Porto: Edições Asa, 2000.

VITALE, M. A. Avós: velhas e novas figuras da família contemporânea. In: COSTA, A.; ROJAS, A.; VITALE, M. A. (Orgs.). **Família, redes, laços e políticas públicas**. São Paulo: Cortez, 2007.

\_\_\_\_\_. Socialização e Família: uma análise intergeracional. In: CARVALHO, M.C. (Org.). **Família Contemporânea em Debate**. São Paulo: Cortez, 2000.

## FILMOGRAFIA

RAMOS, N. **Bercements et berceuses en milieu portugais/ Embalos e canções de embalar em contexto português**. Portugal/França, 30mn, 1993.

\_\_\_\_\_. **Grands-parents et petits-enfants. Le renouveau du Printemps/ Avós e Netos. O Renovar da Primavera**. Portugal/França, 45mn, 1995.

RAMOS, N. **Maternage Portugais/Maternagem Português**. Betacam SP, c., 35 mn, 1995.

\_\_\_\_\_. **Autour des gestes de maternage/Gestos de maternagem**. Betacam SP, c, 25 mn, 1996.

\_\_\_\_\_. **Acalantos. Gestos e ritmos de embalar em Portugal e no Brasil**. Portugal, 34mn, 2001.

\_\_\_\_\_. **Pais e Filhos. As teias que o amor tece**. Portugal, 33mn, 2002.

RAPOSO, A.; DESCALÇO, J. **Carta aos meus avós. A partir de Carta a Josefa, minha avó, de José Saramago**. Portugal, 6mn, 2014